

TEATRO E DRAMATURGIA EM TEMPOS DE CRISEAnna Paula Lemos¹Vanessa Cianconi²

Desde 2020, quando teve início o isolamento por conta da pandemia do Covid-19, as artes em geral e as artes cênicas, em particular, se viram em uma situação de reinvenção, de busca de novos palcos. Novas possibilidades de palco e de sentido de presença que para além de viabilizar o seu próprio trabalho, a sua própria produção enquanto ator, encenador, companhia, equipe, também teve extrema importância na relação social e de saúde com o seu público. Isso porque, via as tecnologias existentes, a possibilidade de acesso online à arte e a cultura serviu como possibilidade de bálsamo ou mesmo de cura para a saúde coletiva. Assim, percebe-se que as artes cênicas sempre responderam eficazmente, de variadas maneiras a embates políticos e sociais tanto do presente quanto do passado.

Pensando nisso, a Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da Unigranrio propôs uma edição especial temática com o título *Teatro e Dramaturgia em tempos de crise*. Tal reflexão, desencadeada no GT Teatro e Dramaturgia da Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL 2021), desdobrou-se em artigos que, publicados aqui, dão a ver possibilidades de resposta às seguintes perguntas: De que modo as artes cênicas respondem ao embate político do presente e do passado? Como o teatro lida com as incertezas do seu tempo? Como o teatro se movimenta enquanto linguagem que se adapta e se reinventa em espaços múltiplos?

Abrindo a edição, Mariana Toledo Borges, em *Elogio ao paradoxo: algumas notas sobre o trágico em Nelson Rodrigues*, aponta que “Este trabalho pretende levar a cabo uma investigação que estabeleça uma relação entre o pensamento conservador e a visão de mundo trágica no interior da dramaturgia de Nelson Rodrigues – vínculo que se expressa privilegiadamente por meio da forma do *paradoxo* –, numa tentativa de compreender a junção contraditória entre a modernidade de seu teatro e os aspectos declaradamente antimodernos que perpassam sua obra”.

¹ Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA) Unigranrio. Membro do GT Teatro e Dramaturgia – ANPOLL.

² Professora de Literatura Norte-Americana no Departamento de Línguas e Literaturas Anglo-Germânicas e do PPG em Literaturas de Língua Inglesa da UERJ. Membro do GT Teatro e Dramaturgia – ANPOLL.

Já Sumara Gomes e Lourdes Kaminski Alves, analisam as escrituras dramáticas de autoria feminina paranaense a partir das obras *Desterra* (2016), *Krio* (2018) e *O Velho* (2017), de Juliana Partyka; e *Atman* (2011), *Fractal* (2010), e *Tempestade de Areia* (2010), de Patrícia Kamis. Para as autoras, este artigo contribui para “dar visibilidade às dramaturgias aqui elencadas, colocando-as ao lado de outras vozes femininas que se dedicaram ao ofício da escritura dramática como lugar de re (existência)”.

É Martha de Mello Ribeiro que se debruça sobre o tema do isolamento que tanto nos inquietou nos últimos dois anos. No texto-ensaio *Territórios disruptivos: o corpo-teatro em tempos de isolamento*, ela “busca pensar o teatro como território privilegiado para o acontecimento e a criação de uma espacialidade *heterotópica* que instigue, em seu tensionamento com o real, novas possibilidades de construção criativas no mundo.” A pergunta que rege a reflexão é: “O que esse corpo, que é o teatro, tem a nos dizer ou ensinar sobre o isolamento social?”

Em *Os bastidores e a cena da cidade do Rio de Janeiro em Boca de Ouro*, Nelson Rodrigues reaparece, desta vez pela análise de Vanessa Leal Nunes Vieira e Ekaterina Volkova Américo, que observa sua dramaturgia pela lente da Escola Semiótica de Tártu-Moscou e pela relação corpo-espço. Tal escolha teórico-conceitual “possibilita observar de que forma as trocas entre espaço urbano e corpo individual influenciam nas normas cotidianas, a partir do que se considera moral e comumente aceito, e evidencia a maneira como Nelson Rodrigues (des)constrói discursos sobre a vida social e política na cidade”. Seguindo a leitura, Dante Cabelho Passarelli “busca analisar os principais expedientes dramáticos da peça “Camino Real” (1953) de Tennessee Williams, de que maneira estes canalizam dialeticamente o passado, presente e futuro da história estadunidense e, por consequência, da devastadora política externa imperialista que amanhecia no período em que foi produzida”.

E Gabriela Lírio, no caminho da estética e da dramaturgia alemã, analisa “as trajetórias de Piscator e Brecht, destacando a criação de imagens na concepção artística e na vocação política de suas obras”.

Brecht ainda está presente no artigo de Vanessa Cianconi que, com foco em seus estudos sobre o dramaturgo Tony Kushner, aponta que foi “*Terror e Miséria no 3o Reich* de

Bertolt Brecht a peça que deu origem a *A Bright Room Called Day* do dramaturgo estadunidense”. Destaca que “Ela é supostamente sobre a morbidez em relação à maldade política”.

Luan Sabino Siqueira e André Dias também estabelecem uma conexão potente entre o passado e o presente quando analisam a presença do corpo negro na dramaturgia do teatro negro-brasileiro contemporâneo. Em *Corpos em fuga na dramaturgia do teatro negro-brasileiro contemporâneo*, analisa-se “Buraquinhos ou o vento é inimigo do Picumã”, de autoria de Jhonny Salaberg que tematiza a experiência traumática do genocídio da população jovem, negra e periférica no Brasil.

Em *Acervos teatrais locais: a reconfiguração do sujeito na contemporaneidade enquanto força motriz para constituição de acervos teatrais*, Allan Valenza da Silveira valoriza o arquivo como espaço de preservação da memória e de práticas de criação de identidades locais, possibilitando a multiplicação de vozes e a redefinição de valores culturais.

Em *Verdade e sociedade: o que o teatro de Luigi Pirandello ensina*, Daniel Reis Peçanha tendo como base a peça “Assim é (se lhe parece)”, faz uma reflexão sobre o conceito de verdade nos dias atuais “a fim de compreender, a partir da dramaturgia, as disputas que ocorrem em torno das “verdades” contemporâneas”.

Rodrigo Ielpo e Lorraine Santos, em *Exposição e consideração na peça Migraaants, de Matéi Visniec*, tem por objetivo investigar os dispositivos éticos e estéticos de exposição dos personagens migrantes na peça e “se propõe a pensar os procedimentos teatrais elaborados por Visniec com o intento de deslocar os personagens da margem para o centro da cena contemporânea teatral e sociopolítica.”

Alberto Hércules dos Santos Coelho Barbosa, em *Um coro de vozes do subúrbio: polifonia em Boca de Ouro, de Nelson Rodrigues*, “discute a definição de polifonia, proposta por Bakhtin, aliada às concepções sobre o texto teatral de Ubersfeld na análise do texto dramático *Boca de ouro*, de Nelson Rodrigues”.

Fecha a edição *O teatro político no “Corpo a corpo” de Oduvaldo Vianna Filho*. Mileni Vanalli Roéfero e Rebeca da Silva Braia apresentam o autor Oduvaldo Vianna Filho, seu contexto histórico e as contradições imanentes à efervescência artística característica desse período.

Boa leitura!